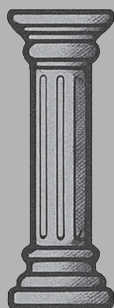


SOBRE A MÃE FÁLICA



ANDRÉ
GREEN

ARTES & ECOS



Porto Alegre • Artes & Ecos, 2026

Copyright © 2026 Artes & Ecos

EDITOR Lucas Krüger

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO Luísa Zardo

Título original: *La mère phallique*.

Publication autorisée par Pauline Hubert, au nom des Presses Universitaires de France (PUF) / Humensis / Terre Neuve et de la Revue française de psychanalyse.

Publicado originalmente em 1968. GREEN, André. Sur la mère phallique. Revue Française de Psychanalyse, Paris, tomo XXXII, n. 1, 1968, p. 1-38.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G798s

Green, André / Sobre a mãe fálica / André Green;
tradução de Maurício Martins Reis – Porto Alegre:
Artes & Ecos, 2026.

112 p.; 14 X 21 cm

ISBN 978-65-87457-57-4

1. Psicanálise.

CDU 150.195

Catalogação na publicação elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos

— CRB-8/9166

ARTES & ECOS 

Artes & Ecos

contato@arteseecos.com.br

www.arteseecos.com.br

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO À EDIÇÃO BRASILEIRA Maurício Martins Reis	7
SOBRE A MÃE FÁLICA	23
FREUD E O FETICHISMO	27
PRECURSORES E SEGUIDORES DE MELANIE KLEIN	35
O SISTEMA MITOLÓGICO DE MELANIE KLEIN E SUA INTERPRETAÇÃO	39
O OBJETO TRANSICIONAL E O DOMÍNIO DA ILUSÃO	49
ASPECTOS CLÍNICOS E CONFIGURAÇÕES EDÍPICAS	53
O CASO DE JÉRÉMIE	65
INVESTIMENTO E MÃE FÁLICA: HIPÓTESE METAPSICOLÓGICA	72
FALO MATERNO E FALO PATERNO	80
APÊNDICE	87
OBSERVAÇÕES ADICIONAIS INCLUÍDAS POR GREEN ALGUNS ANOS APÓS A PUBLICAÇÃO ORIGINAL	93

Apresentação à edição brasileira

MAURÍCIO MARTINS REIS¹

Muitas são as contribuições de André Green para a psicanálise contemporânea. Um dos seus conceitos mais conhecidos é o complexo da “mãe morta”, expressão notabilizada em artigo publicado no ano de 1980. O texto sobre a “mãe fálica”, traduzido agora para o português, foi publicado alguns anos antes, em 1968, embora saibamos pelas observações do autor no início do escrito que se trata de um trabalho elaborado no início dos anos sessenta, aspecto que pode ser corroborado pela existência de investigações da época que se debruçaram sobre o tema em questão².

Assim sendo, pode-se constatar com base no registro cronológico das publicações legadas por Green, a mãe fálica é anterior à mãe morta, embora esta última seja verdadeiramente a pioneira entre as duas, tendo em

-
- 1 Psicanalista (Sigmund Freud Associação Psicanalítica), Doutor em Filosofia (PUCRS) com pós-doutorado em Filosofia (UNISINOS), Doutor e Mestre em Direito (UNISINOS).
 - 2 Como por exemplo, no artigo de Green intitulado “Une variante de la position phallique-narcissique”, de 1963 (Revue Française de Psychanalyse), ainda sem tradução para o português.

Sobre a mãe fálica

*Sur la mère phallique*¹

ANDRÉ GREEN

1 Publicado originalmente em 1968. GREEN, André. Sur la mère phallique. *Revue Française de Psychanalyse*, Paris, tomo XXXII, n. 1, 1968, p. 1-38.

Sobre a mãe fálica¹

*E por que uma mesma alma governa dois corpos,
como se vê quando a mãe deseja um alimento,
e a criança fica marcada por isso.*

Leonardo (Cadernos), citado por Freud.

“Sempre me impressionou observar, seja no curso de tratamentos psicanalíticos, em conversas com colegas, ou ainda nas supervisões, o quanto é difundida e ao mesmo tempo de difícil compreensão a noção do temor da mulher fálica. Penso particularmente no semblante assustado de alguns jovens analistas durante a

1 O artigo aqui publicado é o resultado de um manuscrito que serviu para apresentar uma exposição perante a Sociedade Psicanalítica de Paris no dia 15 de maio de 1962 e de uma comunicação junto à Sociedade Canadense de Psicanálise e à Sociedade Canadense de Estudos e de Pesquisas Psicanalíticas, em Montreal, no dia 18 de abril de 1963. Hoje eu tomo a decisão de publicá-lo. Como é compreensível, se porventura eu tivesse hoje de abordar o assunto, não o faria da mesma maneira. Deparei-me assim com um dilema: reformular o texto por inteiro, tendo em conta a evolução e o amadurecimento do tema dentro de mim, mesmo que isso implicasse a mudança por completo da primeira versão do trabalho, ou me contentar em oferecer uma forma publicável às anotações de 1962, sacrificando o conhecimento que adquiri desde então. Após refletir com cuidado, optei por adotar a segunda solução, mas com o acréscimo de um apêndice contendo os pontos que me pareceram dignos de esclarecimento ou comentário pontual. Os números arábicos referem-se às notas de rodapé, enquanto os números romanos indicam as notas do apêndice.

Meu propósito será o de conciliar esse movimento recente com a teoria freudiana a qual, como sabemos, atribui ao pai uma posição que a mãe – mesmo fálica – não contesta. Tal esforço não será o primeiro, muito menos o único, e sabemos que tentativas recentes buscam reinseri-lo em seu lugar originário (I).

FREUD E O FETICHISMO

Se não nos contentarmos em consultar as páginas que Freud dedicou à castração feminina, isto é, aquelas nas quais a mãe é implicitamente representada como dotada de um pênis, e se considerarmos apenas as circunstâncias em que ele mencionou em termos explícitos a existência de um pênis materno, somos levados a retornar aos casos da homossexualidade masculina (Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci) e sobretudo do fetichismo⁵.

A descoberta do fetichismo não foi efetuada de uma só vez, mas em diversas etapas de 1905 a 1927, ano do artigo fundamental em que Freud certamente foi estimulado pelos escritos de Abraham. O fetichismo veio a ocupar um lugar privilegiado nesta temática por várias razões. Primeiramente, trata-se de um fenômeno normal, por ser a consequência da superestimação do objeto sexual que conduz ao desejo de se apropriar de uma parte dele. Além do mais, o fetichismo configura uma perversão acessível à análise, porque está frequen-

maioria das vezes não sabem nada sobre isso.

5 Ver em particular: Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905), Fetichismo (1927), A cisão do Eu no processo de defesa (1938).

- *o valor do fetiche como representante*, e o papel desempenhado pela representação;
- *a dissociação do recalçamento* que se encontra na clivagem do Eu, com a recusa e o desmentido;
- *a coexistência da afirmação e da negação* da realidade da castração;
- *o pai como agente da castração*;
- *a possível regressão a formas orais* que mantém, todavia, a problemática da castração;
- *o recurso à metáfora*.

PRECURSORES E SEGUIDORES DE MELANIE KLEIN

Desde as primeiras elaborações sobre o fetichismo, surgiram de diversas frentes contestações mais ou menos diretas ao entendimento freudiano acerca das teorias infantis sobre os órgãos genitais femininos. Ferenczi (1913) (1923)⁹ enfatiza o valor de compromisso de algumas fantasias relacionadas aos órgãos genitais da mulher nas quais a vagina é representada ora como

9 Muitas vezes é difícil precisar a qual bibliografia André Green está se referindo quando de suas interpolações para fins de ilustrar o pensamento de outros autores. Todavia, em certas ocasiões vislumbra-se possível identificar com alguma segurança os textos mencionados, especialmente quando o contexto assim o permite. Esse é precisamente o caso, na medida em que Green vai mencionar a representação do órgão sexual feminino como uma “enguia enrolada” e como um “pênis anal oco”. Tais representações aludem respectivamente aos seguintes escritos de Ferenczi: “Representações infantis do órgão genital feminino”, de 1913 (In: *Psicanálise II*. Tradução: Álvaro Cabral. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011, p. 89) e “Um “pênis oco” anal na mulher, de 1923” (In: *Sonhos, melodias e sintomas*. Tradução: Lucas Krüger, Eduardo Spieler e Felipe Gerchman. Porto Alegre: Artes & Ecos, 2025, p. 57).

feminina. Eis o momento propício para se examinar mais detidamente a concepção kleiniana.

O SISTEMA MITOLÓGICO DE MELANIE KLEIN E SUA INTERPRETAÇÃO

Seria um equívoco inferir do título deste capítulo que estamos entre aqueles que menosprezam Melanie Klein. Ela desloca a ênfase, como sabemos, para a relação oral junto ao seio materno, que representa não apenas a primeira, mas o protótipo de todas as outras relações. Essa relação primitiva entre mãe e bebê, tomada como modelo para as relações subsequentes, relega a castração a um segundo plano. É impossível compreender o lugar da “mulher com pênis” sem considerar os estágios que a precedem. A posição inicial é aquela do *splitting*, da clivagem – encontrada aqui em sua manifestação inaugural. Ela determina a mobilização de um conjunto de pulsões contra outro, o que conduz à distinção entre objeto bom e objeto mau – efeito que não deixa de repercutir no Eu, sobre o qual também se opera a clivagem. A falta de satisfação oral tem por consequência a gênese de fantasias, de sugar o seio, de esvaziar o seu conteúdo e de se apropriar dele. Essa transferência total de substância é efetuada pela via da introjeção. A importância do sadismo oral pesa muito nessa relação, porque a identificação introjetiva reúne em uma mesma categoria o objeto incorporado e o sujeito incorporador. Mas é sobretudo com a entrada em jogo do sadismo anal que aparece a modificação

sistema kleiniano, de acordo com a minha visão, compreendem:

- *a prevalência do modo de trocas*, em termos de movimento, em direção à descarga;
- *a conotação representativa*, a fantasmagoria que permite significar e articular a vivência do movimento;
- *a predominância dos afetos sobre as representações*;
- *a triangulação precoce*.

O OBJETO TRANSICIONAL E O DOMÍNIO DA ILUSÃO

Nesse tópico é que se pode avaliar toda a diferença em relação ao sistema freudiano. Ao contrário daqueles que se colocam a meio caminho entre uma referência e outra, Melanie Klein, como Freud, não se propõe a fazer uma descrição, baseada em um protocolo, um apanhado compilatório de fatos. *Ela propõe uma estrutura*. Por meio de uma inspiração genética, houve quem buscou conferir coerência e plausibilidade ao sistema kleiniano. Não estou certo se essa é a abordagem correta, nem se ela é capaz de produzir os melhores resultados. O ponto de vista genético pode inclusive ser questionado na própria obra de Freud. Quando Friedjung apresentou a Freud o caso de uma criança fetichista com a idade de nove meses, este lhe respondeu que tal comportamento estava sem dúvida relacionado com o fato de ela ter em algum momento enxergado a sua mãe nua (algo que efetivamente ocor-

não corresponde ao antagonismo da clínica em face da teoria, mas a uma rivalidade entre teorias. Ambas devem passar pelo crivo da exegese e da discussão. A primazia do falo em Freud constitui o fundamento da sua teoria, assim como a ameaça de castração representa o organizador do respectivo sistema. Desde então o problema do desejo feminino cai sob os seus domínios, assim como a questão do desejo do homem. E foi isso que permitiu a Freud encontrar-se por completo em território familiar – sem que ninguém pudesse ver a figura armada de Melanie Klein emergindo naquele momento – com Leonardo, quando este escreveu em seus *Cadernos* a frase que serviu de epígrafe ao nosso trabalho: “E por que uma mesma alma governa dois corpos, como se vê quando a mãe deseja um alimento, e a criança fica marcada por isso” (XI)¹⁹.

ASPECTOS CLÍNICOS E CONFIGURAÇÕES EDÍPICAS

O contraste das teorizações divergentes de Freud e de Melanie Klein deveria poder nos esclarecer sobre os problemas suscitados na clínica psicanalítica quanto à imago da mãe fálica. Por que algumas mães se mostram mais fálicas do que outras nos processos de análise? Há unidade ou multiplicidade de aspectos a considerar? Enquanto a maioria dos autores se dedica ao estudo do *nível de fixação* (nos estágios pré-genitais) ou à abordagem do Eu, abordarei este trabalho

19 *Un souvenir d'enfance de Léonard de Vinci* (Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci. Trad. Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2024)

O CASO DE JÉRÉMIE

Jérémie veio até mim para que eu pudesse realizar sua análise²⁷. Ele se queixava de múltiplas fobias de caráter obsessivo: temor de desmaiar em público, de olhar as pessoas nos olhos, de ruídos, etc., acompanhadas de graves tendências depressivas com ideações suicidas, de ansiedade intensa com tentativas de controle caracterizadas por uma agressividade considerável, que se filtrava na sua fala por trás de uma rigidez aparente e um contato vago, além de tiques com aspecto estereotipado. Esse quadro era suficientemente alarmante para que um membro muito experiente de nossa sociedade efetuasse um diagnóstico de esquizofrenia *incipiens* – ou a possibilidade de uma evolução esquizofrênica. Eu não tinha isso em conta quando decidi, mesmo assim, arriscar-me no processo analítico com ele – embora eu também tivesse ficado inquieto com aquele cenário inicial apresentado pelo paciente –, com base no contato que tivemos juntos e talvez também pela impressão de profundo sofrimento que ele me transmitiu.

Desde o início, as primeiras sessões tomaram um rumo carregado de tensões, de uma afetividade transbordante. Logo no começo tive a sensação de que Jérémie havia encontrado a oportunidade de reviver comigo as relações martirizantes que marcaram a sua vida. Ele ressaltou de cara o sadismo de seu pai, a maldade dele, a maneira como batia em sua mãe – o que, a seus olhos, o tornava responsável pelo fato de ela ter abandonado a casa onde moravam, situação que culminou

27 Em 1958.

desejo, o que me fez pensar que a mãe fálica é aquela que não quer o falo.

INVESTIMENTO E MÃE FÁLICA: HIPÓTESE METAPSICOLÓGICA

Acabamos de observar as diferenças de expressão da imago da mãe fálica nas diversas configurações em que ela está presente. Essas formas variadas nos parecem corroborar, por vezes, a tese de Freud segundo a qual a castração representa o principal temor experimentado pelo sujeito, e, por vezes, a hipótese kleiniana que postula o vínculo entre esse temor maior e a imago da mãe fálica. De fato, tivemos a oportunidade de mostrar que, no caso em que a mãe fálica era mais temida que a castração, tudo se passava como se uma mudança de signo afetasse o conjunto dos termos do sistema freudiano, e que essa inversão resultava congruente com o pensamento de Melanie Klein. Podemos perceber essas diferenças mediante os diversos *modos de investimento*. Freud nos indica a solidariedade entre os três pontos de vista cujo agrupamento contempla a metapsicologia²⁹ de um fenômeno: econômico, tópico e dinâmico. Ora, parece-nos que, se essas três perspectivas estão sempre ligadas, se elas não deixam de ser três ângulos diferentes a partir dos quais se pode considerar o mesmo fenômeno, nos é possível concluir pela existência de certas prevalências entre elas.

29 Cf. *Métapsychologie (Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos)*. In: Obras completas, volume 12. Traduzido por Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010).

FALO MATERNO E FALO PATERNO

A teoria freudiana pode parecer contraditória ao defender simultaneamente a diferença sexual, a bissexualidade e a primazia do falo. Bissexualidade e diferença dos sexos significam que o indivíduo carrega consigo a complementaridade do outro sexo e a incompletude da sua própria condição sexual. A disposição bissexual permite a coexistência do desejo e da identificação. Mas essa bissexualidade faria o sujeito girar em falso se nada viesse a tirá-lo desse círculo vicioso. A primazia do falo ordena os intercâmbios da bissexualidade: quem o possui não pode se vangloriar de conservá-lo, arriscando-se a perdê-lo (o que o leva ao polo oposto do seu sexo), quem não o possui não pode deixar de desejá-lo – fazendo o luto do seu desejo – (o que o faz aspirar ao polo oposto do seu sexo).

O temor do homem em perder o seu pênis o impulsiona a substituí-lo por seus equivalentes. O desejo da mulher de alcançar a sua conquista a impele em direção àquele que parece possuí-lo, de quem ela espera recebê-lo de inúmeras formas, entre as quais a criança representa frequentemente a mais completa delas, sem que essa aquisição necessariamente satisfaça a sua demanda³⁴.

O falo materno aparece, ao nosso ver, como imago sempre ligada ao corpo, quer dizer, a concepção que a criança tem dele é sempre solidária em seus efeitos

34 Pensamos aqui na objeção comumente formulada de que as mulheres que têm filhos não satisfazem por completo, em virtude disso, sua inveja do pênis.

Observações adicionais incluídas por Green alguns anos após a publicação original¹

A fantasia da mãe fálica pode ser o elemento principal de um dispositivo de defesa contra a angústia de uma regressão fusional. Uma regressão semelhante não deve ser considerada necessariamente como o último ato do tratamento psicanalítico. Porque, com efeito, somente depois de tê-la experimentado na transferência fica livre o caminho para uma aproximação homossexual relativamente ao pai, da qual vai derivar – no caso do homem – a identificação estruturadora contra o retorno dos temores relacionados com a mãe fálica. Eis aqui um fragmento de análise que demonstra isso claramente.

O paciente, um homem de cerca de 50 anos, se analisava comigo para tratar de se ver livre do círculo

1 O texto a seguir foi enviado por André Green aos responsáveis pela tradução do artigo sobre a mãe fálica para o idioma espanhol (GRINBERG, Leon (comp.). *Prácticas psicoanalíticas comparadas en las neurosis*. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1977). Resolvemos traduzir do espanhol para o português, incorporando esse trecho na presente publicação, em virtude da importância das considerações ali desenvolvidas pelo autor, as quais incluem novos comentários sobre o trabalho analítico junto aos seus pacientes, de inegável relevância para o pensamento clínico, bem como para a maturação dos conceitos em psicanálise.



www.arteseecos.com.br

Este livro foi composto em ARNHEM em JUNHO de 2026.